

PERSPECTIVAS DE UMA ESTRANGEIRA ENQUANTO FENÔMENOS EM MOVIMENTO: SUJEITOS, LINGUAGENS, INTERAÇÕES, CULTURAS

RESUMO: Deparar-se frente a um lugar; mergulhar e compreender uma nova cultura, suas tradições e apreender uma língua; leva a diversos olhares sobre o que implica ser estrangeiro nesse novo campo social-intercultural, indo além de considerar-lhe só como “um pássaro de passagem” ou um simples turista. Neste ensaio, discute-se os diferentes fatores que [des]constroem, aquele tecido de significados que emergem nos sujeitos chamados comumente como “estrangeiros”. Trata-se de uma pesquisa autobiográfica baseada em micro-relatos, a partir da observação-participante e o uso do diário íntimo. Espera-se com esse texto produzir reflexões a respeito das construções pluriculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Estrangeiros. Línguas. Interações. Culturas.

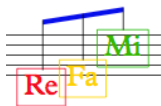
ABSTRACT: This study presents different perspectives about what a foreigner is in a new culture, traditions and language. Therefore, understand that this subject is more than “bird of passage” or a tourist in that new social-intercultural context. This article discusses different factors that [de]construct, a quilt of meanings with respect to the concept of “foreigners”. The autobiographical research is based on micro-stories, participant observation and the intimate diary. This research invite to reflect about the pluricultural constructions.

KEYWORD: Foreigners. Languages. Interactions. Cultures.

SOBRE A AUTORA:

JENNIFER PAOLA PISSO CONCHA

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduada em Comunicação Social pela Universidade de Cauca, Colômbia. moryta@gmail.com



UMA COLOMBIANA EM CUIABÁ

Desse lugar que eu chamo cozinha, enquanto bebo um gole de chocolate, volto naquele momento, quando cheguei pela primeira vez em Cuiabá, isto faz, aproximadamente dois anos. Abri a porta. Entrei. Notei quão vazio era todo esse espaço, enquanto a minha mente reproduzia a modo de mantra: Você pode!

Ali, dormindo tão perto do chão, lembrou-me daqueles dias de camping, mas sem cigarras rangendo, porque o único som que chegava da vizinhança foram palavras em Português. Ali, onde o vento não tinha a chance de escorregar através da tenda de campismo para harmonizar a minha noite, já que o calor era mais intenso, no entanto, o caloroso ambiente compartilhava a minha alegria quando tomava banho nas últimas horas do dia, e o tempo era um verdadeiro cafuné de gotas refrescantes.

Foi ali, onde o tempo pareceu passar mais lento no dia a dia e ser tão curto quando percebia um novo mês decorrido. Esse novo lugar fora de casa que, pouco a pouco, se tornou meu laboratório de ideias; na minha cozinha experimental entre o sabor colombiano e brasileiro. Este corpo seduzido hoje por novos ritmos, além da Salsa, a Cumbia, o Vallenato, a Champeta etc., e se mistura com aquele particular gingadinho brasileiro e as minhas raízes que os colombianos nomeamos de “tumbao”.

Naquela Kitnet cuiabana, escrevi com tinta invisível as minhas histórias, salvei rostos que marcaram a minha vida, reescrevi um novo Eu, um melhor ser vivo; esse “Eu[s]” que coabitaram entre à distância de casa e a construção de meu novo [lar] olhar do simples, do efêmero. Parar no cotidiano, a vida mesma. Sou parte daquela perspectiva de ser estrangeira.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019)¹.

Desse modo, intento pensar no campo intercultural e os diferentes fatores que constroem, desconstroem e reconstroem, aquele tecido de significados que emergem nos sujeitos chamados comumente como “estrangeiros”, naqueles processos de aprendizagem e adaptação cultural que mistura ao mesmo tempo, rasgos identitários, culturais, práticas, costumes e saberes de um país. Indo além, pergunto-me: O que é ser estrangeiro? Que está envolvido em ser um estrangeiro? Como é o processo de adaptação cultural? Que papel desempenha a comunicação e as inter-relações no contexto de intercâmbio cultural? Como apropriar-se de novos elementos e abandonar outros? Como de um estranhamento(s) se constroem pontes entre culturas como um processo de enriquecimento?

¹ Todas citações dessa autora constituem extratos do seu “Diário Íntimo” elaborado no decorrer do intercâmbio no ano 2017 até 2019.

Em concordância, a partir da minha própria experiência como estrangeira no ano 2017 até 2019 em Cuiabá, faço uso de micro-relatos autobiográficos e memória etnográfica, suportada na minha observação-participante e meu diário íntimo, em prol de analisar e mergulhar sobre aquela trama de significados e configuração de sentidos que se envolvem na dimensão social-intercultural.

Portanto, desde a Etnometodologia, o sociólogo *Harold Garfienkel* citado por Sanz (2005) ressalta os métodos cotidianos reflexivamente explicáveis, permitindo que a partir dos micro-relatos apareçam não apenas representações da realidade, senão também uma compreensão de um sentido próprio ao mundo cotidiano. Além disso, Jelin (2002) reconhece que as memórias se constroem e têm sentidos em quadros sociais carregados de valores e de necessidades sociais encaixadas em visões do mundo que implicam no primeiro momento, uma concepção de passado, presente e futuro; e no segundo momento, lembram de um fato específico, já que o processo de lembrar é assumir uma determinada representação da temporalidade, a especificidade e a linguagem dos sujeitos. Desse modo, meu diário íntimo como suporte da memória, permite contar uma história, sustentada nessa qualidade pragmática da escrita, enriquecedora da vivência (STURROCK, 1993).

Pelo exposto, os micro-relatos como um gênero narrativo e parte das histórias de vida, tornam-se uma opção para expressar essa linguagem, rica e cheia desse colorido das situações mínimas da vida (LULLE, et al, 1998). Da mesma forma, mergulhar naquela perspectiva(s) de ser estrangeira, a partir da própria radiografia espaço-tempo, que permitem identificar os fenômenos sociais mais relevantes durante o processo de aprendizagem e experiência cultural.

1. DESSES ESPAÇOS QUE DEFINEM E REESCREVEM

Enquanto eu percorri as ruas de Cuiabá, perto da UF, percebi que raramente se encontra alguém para cumprimentar no trajeto casa - universidade, com o tempo compreendi que andar a pé com um sol que pode chegar a temperaturas além de 45°centígrados é um verdadeiro desafio, o que me parecia como parte de um filme de vaqueiros sem vaqueiros, ou um deserto de asfalto onde o mais cobiçado é a água ou como é bem costumeiro por aqui uma cerveja “bem gelada”. Assim que nessa relação dos sujeitos com um espaço fortemente influenciado por dias quentes, entendi a

alta demanda por carros que atuam como pequenos refrigerantes andantes. O ar condicionado é o paraíso.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019).

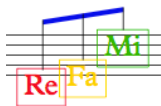
Portanto, carinhosamente “Cuiabresa” remete a essa discussão sujeito-espaço, enquanto esse mundo físico é percebido de maneira diferente pelos indivíduos brasileiros como estrangeiros, sendo importante “conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço vivido, que passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as práticas sociais” (LENCIONI, 2003, p.152).

Figura 1 – Turma de Bolsistas UFMT, acordo OEA-GCUB 2017-2019



Fonte: Secretaria de Relações Internacionais - SECRI UFMT, 2017

Em concordância, pensar o sujeito que vem de outro lugar na busca de compreensão desse novo, toma um primeiro desafio da construção de primeiras impressões e logo de um aprofundamento, imerso em uma série de fenômenos ligados diretamente ao corpo; neste contexto, *Merleau-Ponty* (1999), afirma que o corpo absorve e/ou incorpora todas as percepções do indivíduo, criando um mundo próprio do vivido. Do mesmo modo, *Simmel* (1977) concebe que essa compreensão do entorno é uma conexão produzida por fatores espirituais, quer dizer, não só é uma rua senão tudo quanto acontece nela. Porém, é claro também que nesta relação de percepção do mundo “é sempre afetado por aquilo que



acreditamos ou sabemos, pois, o mundo se apresenta com uma nova face cada vez que mudamos a nossa perspectiva sobre ele" (DUARTE JR., 1984, p. 11).

Assim o espaço é também um lugar atravessado por subjetividades que permitem um intercâmbio de pensamentos e expressões do estrangeiro com o mundo vivido.

Como esquecer que na relação com os arredores, a UF se tornou como a segunda casa, praticamente se fica nesta a maioria do tempo, e só o tempo permitiu entender a dinâmica do Ligeirão, do Ru, do ECCO (meses atrás, tinha que perguntar o que? Que significa?), mas o espaço também vira a partir de interiorizar cada um dos lugares nele, e dando um significado que começa pela própria experiência de localização e um mapa mental de como está distribuída a cidade, especialmente, a universidade. Me lembro que ao começo para chegar ao Ru ou a ECCO, eu repassava minutos antes a rota, tendo medo de errar e acabar perdida; hoje, curiosamente até aconselho às pessoas que me perguntam sobre onde fica um lugar "x" da instituição.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019).

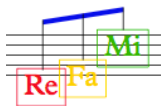
Nesse sentido pensar que, esse corpo que se depara em um lugar novo, está condicionado ao tempo, a um tempo orgânico marcado pelo dia a dia, às próprias leis da natureza, essas formas de percepção e apreciação do tempo, e como o sujeito imerso em novas dinâmicas culturais e de adaptação sociocultural resignifica os lugares, envolvido em uma aprendizagem progressiva que tenta responder para si mesmo: Por que as coisas acontecem de um jeito e não de outro?, não me esqueço que na UF² me senti na "cidade dos gatos" e achar capivaras livremente caminhando, deixou-me realmente surpreendida, esse animal doméstico com esse animal de selva. Lá na Colômbia só habitam nos conhecidos Llanos Orientales³, e aqui ambos animais convivem.

Em relação ao cronotopo⁴ da vida, também fez enxergar a diversidade de lugares coabitando na UFMT: o zoológico, o restaurante, o museu arqueológico, o parque de treinamento, a universidade, o teatro, o Centro Cultural etc. Isto, representando o trânsito dos microuniversos, quer dizer, esse universo construído

² Termo informal para chamar a Universidade Federal de Mato Grosso.

³ É uma das 6 regiões naturais da Colômbia, também conhecido como La Orinoquia. Está localizada a leste do país, limitando-se ao norte e ao leste com a Venezuela, o sul com a Amazônia e o Oeste com a região andina.

⁴ Termo que estabelece relação entre o tempo e o espaço.



por cada pessoa que experimenta esses lugares do seu próprio jeito. Então, espaços transcendidos por brasileiros de diferentes partes da região de Mato Grosso, de outras cidades do país e também os estrangeiros. Aqueles microuniversos configurados a partir do que se acredita e as interações que acontecem num espaço e outro.

Desse modo, as relações intersubjetivas produzem uma série de estranhamentos que confrontam a cultura – sem ponderar valores. No caso particular, no atendimento bancário e os procedimentos legais em Cuiabá, a partir das onze da manhã, ou, chegar à casa de alguém e ter que bater as mãos como sinal de “abre a porta por favor”.

Em concordância, a cultura imersa no fato de olhar para os sujeitos e os lugares, leva a considerar que é parte de um sistema de representação individual e coletiva: o que somos, o que queremos ser, o que queremos aparentar ser, guarda um processo de elaboração, construção e reconstrução que é muito mais marcante quando o ser humano se depara no Outro.

Assim, é preciso reconhecer que no termo cultura, se escrevem novas histórias de vida, longe de casa, da família, amigos, dos lugares e sabores que se amam. Essas mudanças nas rotinas representam sair daquela zona de conforto e ter fortes doses de otimismo e coragem, especialmente nas datas especiais. Ser forte quando a saudade bate, porém, com o tempo a mente vai reconhecendo que cada um dos espaços vivenciados, se tornam e tornarão para sempre, uma segunda casa. Aquele tempo do aqui e agora.

2. JOGO DE PALAVRAS: “POR FAVOR, EU QUERO DOCE OU DOZE?”

Inegavelmente as pessoas percebem facilmente quando você não é da região, talvez pelo sotaque que logo denuncia, ou o jeito de tentar manter uma conversa procurando as palavras certas, ao mesmo tempo que se está prestando atenção, decifrando significados, traduzindo termos de espanhol a português, inglês a português, interpretando de acordo com o contexto. Enfim, todo um desafio estrutural e gramatical. Nesse sentido, tanto a língua quanto a cultura estão intimamente conectadas e se materializam a partir da comunicação. Sob argumentos de teóricos como Nunes (2004), Bakhtin e Voloshinov (2002) e

Todorov (2014), procuramos enxergar desde o agir do sujeito social orientado pela presença do Outro na vida cotidiana, porque é no cotidiano que nós existimos, onde a vida é vivida.

Portanto, no cotidiano aprendemos a viver e estabelecer mecanismos de aprendizagem. No meu modo de ver, se incorpora novas palavras a partir da memória em um ato visual (olhando tudo ao redor, lendo os nomes que aparecem nos pacotes do supermercado, nos cardápios, na publicidade); posteriormente no ato de ouvir – na repetição de músicas e de falas.

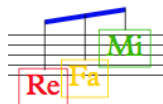
Me lembro daquelas primeiras visitas no supermercado e percorrendo algum lugar da UF, e como Heidy Medina (também colombiana), me explicava o nome das frutas, das coisas de casa e tudo quanto perguntava; curiosamente aquilo que era simples a primeira olhada, acabava por ser esquecido ou confundido por outras palavras, e aí, esse início do que seria a caminhada pela língua.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019).

A este respeito, Pais (2003), sugere que nessa sociologia da vida cotidiana, se incorpora um movimento de novos saberes e sensibilidades, que imersos na viagem comunicacional, precisa de uma fenomenologia que coloca o sujeito não como um ser distante da sua própria realidade, senão sentindo-se conscientemente parte dos processos dinâmicos na vida cotidiana.

Desde o primeiro momento em que saí do aeroporto na Colômbia (trajeto de voo Bogotá - São Paulo, muitas das pessoas do avião, por não dizer que a maioria eram brasileiras), me fiz conceber desde o começo o assunto da língua portuguesa, essa comunicação em plena expansão: observar os outros de um jeito diferente, questionar-me: o que essa pessoa quer dizer com isso?, ou isso é? Ao mesmo tempo, naquele processo dinâmico constante, também ser observada pelos outros, “ela é colombiana”, “a Colômbia é assim...”, “eu sei que na Colômbia...”, “pode repetir o nome da sua cidade?”, “não entendi o que você quis dizer”; um fenômeno comunicacional que faz ato de presença e esboça essa preocupação por conhecer como se formam os significados no cenário da vida cotidiana.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019).



Portanto, a língua, como aprendizagem a partir dos processos de conhecimento, criados na transformação da experiência e do contexto, que sob perspectiva intercultural pode ser de baixo ou alto contexto, por exemplo, ficar em uma conversa onde as gírias são constantes e o sujeito em processo de incorporar a nova língua tenta saber o que significa, mais só tenta decifrar (baixo contexto), diferentemente se pergunta o significado e tudo fica esclarecido (alto contexto).

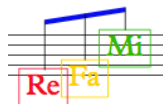
Assim também, o mundo da vida à comunicação é um mundo dos significados compartilhados intersubjetivamente em uma busca de iluminação, porque alguns significados são entendidos, outros nem sequer são ditos.

- Sabe, não entendi o acontecido com aquele “casal” na balada. Por favor, me explica?
- O que foi?
- Olhei pra a minha direita e um casal (julgamento a priori) se beijava, horas depois, mesmo casal beijando a outras pessoas. Finalmente, fecharam a balada e o casal ficou de novo.
- Eita! Isso é ficar. Aqui a maioria dos meninos só ficam com as minas
- “Só ficam?” O que significa?
- Olha Jen, vou te mostrar um vídeo
- Seu?
- Não, é de uma peruana que morou no Brasil
- Nossa! (Para a minha surpresa quem responde a minha pergunta é estrangeira).
- [O vídeo rodou]: Ficar. “É uma palavra tão difícil de entender, mas tão fácil de viver, é egoísmo de consumo, é testar muitos produtos, é criar nova embalagem, é viver, mas sem compartilhar. Ficar é o verbo que conjuga a todo aquele que procura uma vida a meio termo, amando sempre mais ou menos, mas lembre-se, que para cada mais ou menos namorada, sempre existirá o mais ou menos homem”.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019)⁵.

O exemplo anterior, levando em conta que a língua implica compreender um significado semântico e gramatical, é também complexo tentar encaixar um termo na totalidade dos possíveis acontecimentos, pois existem já características próprias e definidas por valores e símbolos; todo um sistema psicossocial que

⁵ Registro de uma conversa informal no simples e complexo mundo do cotidiano, em 05 de abril de 2017).



também faz sentido, especialmente quando a comunicação deve ser ato de comunicar e ato de entender (GRÁCIO, 2014).

Em correlação, se fica em uma borbulha de palavras que se tentam “pescar”, que se podem tornar em equação matemática quando seu significado não é entendido. Assim que apreender uma nova língua implica experimentar seus significados, mastigar seus sinônimos e antônimos, uma digestão que faz sentido. É “tentar comunicar usando alguns gestos improvisados, ensaiando estruturas além do verbal, para advertir em muitos casos, quão absurdo é enredar-se entre as palavras (...) essa implacável sensação de falar muito e não dizer nada” (Trecho do poema “*Travesía*” de *María González Grané* em *MUSEO DE PALABRA*, 2015. Tradução minha).

3. TECENDO INTERAÇÕES

Curiosamente, depois de cada apresentação – “Oi, sou Jen, prazer”, as interações começam porque as pessoas tentam adivinhar o meu país de origem e depois a cidade, imediatamente, ao saberem que sou da Colômbia, perguntam por maconha, Pablo Escobar, ou uma das cidades mais conhecidas: Cali, Bogotá, Medellín e Cartagena. Aí, que toda interação é um ponto de encontro, uma configuração do “Eu(s)”, do que se acredita saber à primeira impressão, mas também esse feitiço que seduz o desconhecido ou tudo aquilo que vem de fora, ou seja, o ser estrangeiro. Mas essa proximidade implica não só uma configuração de estereótipos, senão também de relações sociais, trocas de saberes e conhecimentos.

Figura 2 – Compartilhando tradição colombiana “Dia de las velitas” com o grupo de teatro Cena Livre/UFMT.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

Da mesma forma, as interações são modos de conceber a vida, mais também se envolve em um assunto de fachadas; esse tipo de relacionamentos que se envolvem em uma questão de intersubjetividades e de ações expressivas da vida cotidiana, por exemplo, ao dialogar com o senhor que vende açaí, aceitar um conselho na farmácia, contar como é a Colômbia para o motorista do Uber; são tipos de cenários que Goffman (2012) chamaria de atores no cenário de práxis. Aqui, o indivíduo seja de forma verbal ou não verbal, sempre está relacionando-se, permitindo compreender o espaço onde acontece a representação.

Em concordância, “todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes” (GOFFMAN, 2012:13). Desse modo, as relações sociais também pressupõem que o ser humano seja como na “Teoria do *Iceberg*”, só se pode ver o superficial, o restante passa despercebido. Por isso, também é importante conceber que não somos inseparáveis das interações e interpretações que damos daquilo que não é dito, os silêncios, a linguagem não verbal, já que interpretamos os objetos, símbolos, interpretamos o Outro(S); é um processo que remete para o comportamento individual, nessa capacidade de refletir sobre si mesmos e talvez sentir-nos no papel do Outro. Assim as coisas, cada um de nós orientado pela presença do Outro na vida cotidiana, porque é aqui onde existimos, onde a vida é vivida e aprendemos a viver.

4. OLHANDO ATRAVÉS DO VIDRO

Parar no tempo e refugiar-se na memória, nesse tempo do que foi e o que é. Por exemplo, na gastronomia é interessante como meu fazer culinário colombiano foi permeado por alimentos próprios do Brasil; de manhã posso beber uma xícara de guaraná ralado e preparar Tereré o dia todo; à noite tomar como sobremesa açaí com banana, cajá-manga ou cajú. Além disso, me seduz facilmente tradições que convivem ainda no tempo pós-moderno:

Movimentos para cá y para lá, ritmo um-dois, um-dois; mãos na cintura; vestidos coloridos que se agitaram com os ventos que viajaram desde a Bolívia, tornando aquele espaço em sagrado (Vila Bela). Foi fé. Foi tradição. Foi o lugar onde oito belas mulheres afro, apresentaram a “Dança do Chorado”, também conhecida como a “Dança das Cozinheiras”, uma representação da época da colônia (escravidão), onde as mulheres tentavam ser agradáveis para os seus chefes com sua dança e cantos africanos, a fim de que eles foram menos cruéis com seus maridos. Assim que entre batuque e tambores, elas dançaram colocando nas suas cabeças uma garrafa de "Canjinjin", uma bebida própria da região, um afrodisíaco, uma bebida que queima desde o primeiro momento que passa pela garganta. Foi difícil escapar de seus sorrisos e folclore encantador. Olhá!, quando eu percebi, meu quadril já estava com um gingado particular seduzido por aquele: “Vem aqui que vou te contar uma história, essa que a ele libertou. Dança aí negro e o tambor oh oh oh (bis)”.

(Uma colombiana em Cuiabá, 2019).

Do mesmo modo, nesse mundo das curiosidades, chama atenção de alguns colegas, o jeito em que escrevo e o caderno que uso (considerado aqui só para ciências exatas); em mim, o desejo de que a ideia de “aluno especial” para fazer o Mestrado ou Doutorado fosse implementada nas políticas educativas da Colômbia; perceber que sempre pensei que no meu país somos expressivos e emotivos para cumprimentar, mas os brasileiros são muito mais, sem dúvida, aquelas expressões afetivas como abraços fortes e beijos, acabam por fazer-nos sentir contemplados, diminuindo um pouco a sensação de estar longe de casa.

Sob a perspectiva de *David Kolb*⁶ (1984) aquele processo pode chamar-se “Círculo de aprendizagem experiencial”, considerando que é através da experiência do dia a dia que os sentimentos e pensamentos se concretizam. Neste sentido, ideias, comportamentos, atitudes etc., se misturam e se impactam naquela diversidade cultural. Um processo de adaptação cultural⁷, no qual o indivíduo pode experimentar uma etapa de negação (tudo é o mesmo), de defesa (este país é melhor do que o meu ou vice-versa), de minimização (aceita ambas as culturas), de aceitação (respeita as regras culturais do novo país), de adaptação (compreende o seu entorno), de integração (reconhece sua própria identidade e mais grupos culturais) (KOLB, 1984).

Enfim, fica um céu de memórias que pode continuar na medida que as imagens na minha cabeça ganham vida própria “lembra isto”, “lembra aquilo”. Assim, olhar através do vidro da experiência intercultural permite verificar que ser estrangeiro, pode te fazer sentir como um estranho no primeiro momento, mas conforme o tempo passa, o estrangeiro se torna um híbrido que representa a sua própria noção de identidade e cultura do país de origem, mas também incorpora novos elementos culturais do novo país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam para a elaboração de um melhor desenvolvimento da sensibilidade cultural e da reflexão sobre o esteriótipo que ainda olha para o estrangeiro⁸ como “pássaro de passagem”, ficando em uma definição simples e até vazia. Então, talvez seja preciso redefinir o seu significado, pensando a soma de vários fenômenos acontecendo, quer dizer, mergulhar também no íntimo das suas relações sociais, o conhecimento e apropriação do espaço, as mudanças no

⁶ *David A. Kolb* é um teórico educacional americano cujos interesses e publicações se concentram na aprendizagem experiencial, individual e mudança social.

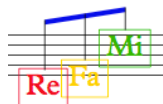
⁷ Tradução do termo inglês “Developmental Model of Intercultural Sensitivity, (DMIS)”, o qual foi criado por *Milton J. Bennett* como uma maneira de explicar as reações da gente quando se encontra com um novo entorno cultural.

⁸ De acordo com a Real Academia da Língua Espanhola, estrangeiro disse de um país: não é próprio.

2. adj. Natural de um país estrangeiro. U. t. c. s.

3. adj. Próprio por uma pessoa estrangeira. Sotaque estrangeiro.

4. adj. Pertencendo ou se relacionando com um país estrangeiro ou com todos eles. Investimentos estrangeiros.



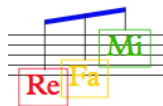
tempo, como olha para si mesmo, se pode ver afetado pelo entorno e os Outros, mas também influir ao redor e nas pessoas (subjetividades).

Dessa maneira, o estrangeiro é também uma extração de seu próprio microuniverso, que progressivamente se reconstrói e/ou desconstrói num lugar alheio do seu, a partir das suas emoções, sentimentos, percepções, que se materializam naquela curva de adaptabilidade intercultural; resultado do choque cultural naquela transição para uma nova cultura. Experimentar momentos de: *lua de mel* (fase de turista), *crises* (fase de cansaço, de saudades) *recuperação* (fase de aprendizagem do acontecido). Momentos que de um ou outro jeito, se apresentam ao começo da experiência intercultural e se alternam os momentos de crises e recuperação, tendo em conta o manejo das emoções e situações de cada sujeito.

Segundo Marcondes (2013), naquele espírito do tempo, dotado de sentido, um tipo de espírito que atravessa os corpos e lhes dá vida, o estrangeiro, esse indivíduo externo, de fora, é também uma ponte entre culturas e processos de enriquecimento, a partir da troca de saberes e conhecimentos, do jeito como impregna a vida de outros e vice-versa; como aprende uma nova língua, mas ensina e valora a sua língua nativa, mexendo nessas águas de pertencer a, e ser parte de algo novo, em uma lógica de dentro para fora e o irreversível decorrer do tempo naquele anseio de sentir-se em casa, em uma segunda casa. De modo pessoal, descobrir e redescobrir uma Cuiabá de cantos e encantos, de lutas e matizes, de espaços que nos reescrevem, e um tanto mais, tão quente como o calor humano das pessoas. Assim que sou estrangeira, sou um híbrido cultural, pensante e andante.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10ª. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.
- DUARTE JUNIOR, J. F. **O que é realidade?** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GRÁCIO, R. Os desafios da investigação em Ciências da Comunicação: debates e perspectivas de futuro. **Revista Comunicando**, v. 3, 2014.
- GOFFMAN, E. **Ritual de Interação**. Petrópolis: Vozes, 2012.



GONZÁLEZ, M. Travesía in: **Museo de palabra**, 2015. Disponível em: <<https://www.fundacioncesaregidoserrano.com/es/>>. Acesso em: 31 maio. 2019.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España Editores: Social Science Research Council, 2002.

KOLB, David. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LULLE, T; VARGAS, P; ZAMUDIO, L. **Los usos de la historia de vida en las ciencias sociales**. Barcelona: Anthropos. Bogotá: Centro de investigaciones sobre Dinámica social de la Universidad Externado de Colombia, 1998.

MARCONDES FILHO, C. **Nova Teoria da comunicação, V.1: O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NUNES, J. A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. Tempo Social. **Revista de sociologia da USP**, v. 19, n. 2 pp. 253-286, 2004.

PAIS, J. **Vida Cotidiana - enigmas e realizações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANZ HERNÁNDEZ, A. **El método biográfico en investigación social**: potencialidades y limitaciones de las fuentes orales y los documentos personales, En: Asclepio, Vol. LVII-1, 2005.

SIMMEL, G. **Sociologia**: estudios sobre las formas de socialización, vols. 1-2. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

STURROCK, J. **The language of autobiography**: studies in the first person singular. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TODOROV, T. **A Vida em Comum**. São Paulo: Unesp, 2014.